



Interação verbal, marcadores conversacionais e polidez linguística

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Gilmar Bueno dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumo

Este estudo tem por objetivo desvelar o estilo interativo de mulheres profissionais do sexo que trabalham nas ruas de uma cidade de Minas Gerais. Em se tratando de estratégias linguísticas, buscamos analisar quais marcadores conversacionais contribuíram para a promoção da polidez linguística negativa e a relação destes para com as interações verbais. Realizamos uma pesquisa etnográfica, nos moldes de um estudo de caso, uma vez que a metodologia adotada permitiu a investigação detalhada considerando-se o contexto social em que as informantes estavam inseridas, bem como os diversos elementos que influenciam suas interações. Os pressupostos teóricos de Goffman (2011[1967]) serviram como principal referência para o desenvolvimento das análises delineadas ao longo deste artigo, destacando-se também os estudos de Brown e Levinson (1987) para o tratamento das estratégias de polidez. A partir das análises desenvolvidas, observamos que o estilo interativo das profissionais do sexo é permeado por determinadas estratégias linguísticas que buscam agregar elementos que as mulheres consideram positivos para o exercício da prostituição e que também servem para se desvencilhar de estigmas que enfrentam.

Palavras-chave: Análise da Conversação. Polidez. Interação. Marcadores Conversacionais. Profissionais do Sexo.

Submetido em: 23/12/2020

Aceito em: 24/01/2021

Publicado em: 29/01/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli



Graduada em Direito (UNESP) e licenciada em Letras - Língua Portuguesa (UNIP), Mestre em Linguística (UFMG), Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (PUC Minas) e Pós-doutora em Estudos da Linguagem (UFOP). Foi professora de Português (Língua, Literatura e Produção de Texto) para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Na Faculdade de Estudos da Linguagem (FAEL) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), atua como docente do curso de Licenciatura em Letras - Português, além de exercer a função de Diretora da Faculdade e Coordenadora do Curso. Ministra aulas para a Graduação e para a Pós-graduação, Mestrado Acadêmico (POSLET) e Mestrado Profissional (PROFLETRAS). Desenvolve pesquisas na Área de Análise do Discurso e Ensino e Aprendizagem de Língua Materna e orienta trabalhos de graduação e pós-graduação em temáticas como: ensino-aprendizagem da escrita de textos argumentativos por parte de alunos do Ensino Básico; formação de professores; a imagem do feminino na sociedade; memória e oralidade em comunidades quilombolas e indígenas; análise de discursos sociais; a construção discursiva do ethos do professor em gêneros autobiográficos, entre outros.



<http://lattes.cnpq.br/8914356912549398>



<https://orcid.org/0000-0002-9066-1720>

Programa
Pós-
Graduação

Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – POSLET e Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da UNIFESSPA



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Gilmar Bueno dos Santos



Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Ouro Preto e Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Linguística e Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realizou Pós-doutorados em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Université Paris-Est Créteil - Paris XII. Atua principalmente nos seguintes temas: Estudos Linguísticos, Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, Português como Língua Materna e de Acolhimento, Formação de Professores, Narrativas de Vida, Interação, Identidade Social, Gênero e Estratégias Conversacionais.



<http://lattes.cnpq.br/3113219632287510>



<https://orcid.org/0000-0002-0165-540X>

Grupo de pesquisa

[Núcleo de Análise do Discurso – NAD/UFMG](#)

Programa Pós-Graduação

[Programa de Mestrado Acadêmico em Letras – POSLET e Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da UNIFESSPA](#)



INTERAÇÃO VERBAL, MARCADORES CONVERSACIONAIS E POLIDEZ LINGUÍSTICA

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA¹

Gilmar Bueno dos Santos – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE²

Introdução

As interações face a face cotidianas são atravessadas por dinâmicas linguístico-discursivas em que os interlocutores buscam estreitar laços, (des)construir barreiras, expressar e escamotear sentimentos, opiniões, crenças, (re)criar expectativas etc. Esses processos envolvem ações de como nos vemos, como vemos o outro e como somos vistos. De modo geral, as dinâmicas mencionadas são constituídas de estratégias de polidez linguística que servem para manter o equilíbrio entre as relações interpessoais, atenuando-se os confrontos.

Neste trabalho analisamos algumas entrevistas realizadas com um grupo de profissionais do sexo que trabalham nas ruas de uma cidade de Minas Gerais³. Buscamos identificar e analisar as estratégias de polidez negativa e os marcadores conversacionais

¹ maysapadua@unifesspa.edu.br

² buenos.gilmar@gmail.com

³ O *corpus* analisado faz parte da tese de doutorado defendida por Santos (2011). Acreditamos que a atualização de discussões esboçadas à época e diálogos com pesquisadores que vêm desenvolvendo trabalhos acerca dos temas polidez e interação verbal são fundamentais para revisitarmos os dados coletados e, por conseguinte, construirmos novos apontamentos, análises e considerações.



presentes nas interações verbais das informantes, o que nos permitiu esboçar algumas premissas teóricas acerca do estilo interativo dessas mulheres.

Nas décadas de 70 e 80, a Teoria da Polidez desenvolvida por Penelope Brown e Stephen Levinson foi fundamental para consolidar as definições de polidez positiva e polidez negativa em interações verbais. Devido ao escopo deste artigo, buscamos identificar e analisar somente as estratégias de polidez negativa nas falas das informantes.

Ressalte-se que esta pesquisa foi desenvolvida sob a perspectiva da interação verbal face a face, pois abordar os aspectos linguísticos, os contextos social e histórico em que as interações são produzidas e como são influenciadas significativamente por fatores de ordem cultural, pessoal, situacional e emocional.

A descrição e a análise das estratégias de polidez negativa utilizadas pelas mulheres pesquisadas contribuem para a compreensão do processo de construção das interações verbais e seus elementos intrínsecos, da conduta social como um dos elementos exponenciadores da complexidade das relações humanas.

Nas seções seguintes apresentamos as contribuições teóricas da Análise da Conversação e da Teoria da Polidez que são primordiais para o estudo da interação verbal face a face como uma manifestação permeada por elementos que reverberam a construção colaborativa e as particularidades de uma comunidade discursiva de profissionais do sexo.



2. Análise da conversação

A Análise da Conversação (doravante AC) é um domínio multifacetado e heteroclítico dos Estudos Linguísticos, pois envolve um campo multidisciplinar ao se apoiar em áreas como, por exemplo, Sociologia, Etnologia, Etnografia, Antropologia, Psicologia, Linguística e Sociolinguística (Leite e Negreiros, 2014, p. 105).

Historicamente, a AC tem se desenvolvido a partir de pelo menos duas dimensões. De modo geral, uma se direciona para a explicação descritiva da conversação por meio de suas estruturas e dos mecanismos que atuam em sua organização. Concomitantemente, em outra dimensão, há estudos que buscam a compreensão da organização interacional da conversação, considerando fatores como, por exemplo, descrição circunstanciada dos recursos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais compartilhados entre os interlocutores. Mister mencionar que essas dimensões não são estanques e dialogam com diversas áreas do conhecimento, evidenciando-se assim as abordagens multifacetadas dos estudos conversacionais.

A conversação pode ser analisada considerando-se os três níveis de enfoque da estrutura conversacional i) macronível: envolve as fases conversacionais de abertura, da parte central e de fechamento; ii) nível médio: envolve o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os marcadores conversacionais, os atos de fala; iii) micronível: envolve elementos internos dos atos de fala que constituem a sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódica (Hilgert *apud* Dionísio, 2001).

A conversação é um evento dinâmico que possui como característica básica a alternância entre os papéis de falante e ouvinte. Nessa perspectiva, Marcuschi (1986) destaca que a conversação é essencial em nossas relações diárias e, com efeito, constitui-se como a primeira das formas de linguagem a que somos expostos.



Ademais, a organização elementar da conversação possui interação entre pelo menos dois falantes, ocorrência de pelo menos uma troca de falantes, presença de uma sequência de ações coordenadas, execução em uma identidade temporal e envolvimento em uma interação centrada (Dittmann *apud* Marcuschi, 1986, p. 15).

Marcuschi (1986, p.15) argumenta que essas características consolidam a conversação como uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa em comum. Nesse sentido, a conversação envolve trocas comunicativas, não sendo somente suficiente que os interlocutores falem alternadamente, mas sim que as interações sejam produtos de esforços colaborativos. Apesar de as pesquisas de Marcuschi terem sido desenvolvidas na década de 80, são patentes a relevância e a propriedade destas para abordagens acerca de nossas interações verbais contemporâneas em contextos multissemióticos.

A conversação também pode ser caracterizada por turnos conversacionais, situada em um contexto e constituída pela alternância dos papéis de falante e ouvinte entre os interlocutores.

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 489) afirmam que:

O turno de fala é uma realização interativa, não somente em razão das regras de alternância e de alocação que o governam, mas, na sua própria construção em função do *ajustamento* (orientação e formatação) ao receptor (*recipient design*), que designa os aspectos múltiplos por meio dos quais o locutor constrói o seu turno de modo a se ajustar aos seus interlocutores.

Destarte, o turno de fala compõe a unidade essencial da organização das produções orais dialogadas, e os turnos de diferentes locutores se encadeiam conforme um sistema de alternância de papéis. Essa definição indica distribuição de turno e unidade construcional, ou seja, qualquer locutor pode tomar a palavra, a fala é elaborada no



momento em que o indivíduo toma a palavra e torna-se falante (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974).

Dentre os estudos sobre interações verbais, torna-se importante mencionar o modelo denominado *SPEAKING*, desenvolvido por Hymes (1972):

Setting: espaço físico (tempo e lugar) e psicológico;

Participants: participantes (membros que estão presentes de algum modo no desenrolar da ação);

Ends: finalidades e resultados da atividade de comunicação;

Acts: atos, conteúdos e forma da mensagem;

Key: tom, canal e formas do discurso;

Instrumentalities: instrumentos, canais de comunicação e códigos correspondentes;

Norms: normas de interação e de interpretação;

Genre: gênero, o tipo de atividade da linguagem.

Segundo Brait (2002, p. 194), a interação é um fenômeno sociocultural com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas. Assim, ao analisarmos as interações verbais devemos considerar além dos aspectos linguísticos, os contextos que perpassam essas atividades de linguagem.

Um dos elementos linguísticos que contribuem para coesão e coerência do texto falado são os marcadores conversacionais (doravante MC), pois amarram o texto tanto como estrutura verbal cognitiva quanto estrutura de interação interpessoal. Segundo Urbano (2010, p. 85), os MC são responsáveis por revelar e marcar as condições de produção do texto, de forma interacional e pragmática.



Fraser (1999) realizou um levantamento em que menciona as diversas terminologias utilizadas para os marcadores: frases de reparo, conectores do discurso, operadores de discurso, partículas do discurso, conectores pragmáticos, operadores pragmáticos, partículas pragmáticas, conectores de frase etc. Há também denominações como marcadores retóricos, conectores argumentativos, conectores interativos, introdutórios do discurso, dentre outras.

Nas interações verbais, os marcadores podem ser produzidos pelo falante e pelo ouvinte, podem aparecer no início, meio ou final de unidades linguísticas. As funções desempenhadas por esses MC podem ser para apoiar a mudança de tópico (aí, como, e, ou, então), preencher pausas, dando tempo suficiente para a organização do pensamento (eh, uh, ah, hmm, oh), expressar intenções (eu penso, eu acho, eu acredito), discordar (não, impossível), verificar a compreensão (não é?, né?, entendeu?), dentre muitos outros.

Em síntese, os marcadores conversacionais envolvem processos cognitivos de produção de fala, interligam partes textuais, expõem a posição do falante e do ouvinte, estabelecem a interação entre os interlocutores.

A seguir, discutimos os pressupostos teóricos acerca da interação face a face e, apresentaremos algumas considerações a respeito das estratégias de polidez negativa.

2.1 Interação verbal face a face e polidez linguística

Goffman (2011[1967], p.97) afirma que há uma interação face a face quando dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e seus atos são regidos por regras culturais específicas:



Um encontro social é uma ocasião de interação face a face, começando quando os indivíduos reconhecem que se moveram para a presença imediata uns dos outros e terminando com uma retirada aceitável da participação mútua. Os encontros variam consideravelmente em seus propósitos, função social, tipo e número de participantes, ambiente, etc. e, apesar de aqui tratarmos apenas de encontros conversacionais, obviamente existem aqueles em que nenhuma palavra é pronunciada.

Esses encontros envolvem a imagem social dos participantes. Nesse contexto, Goffman (2011, p. 13-14) define o conceito de face, o qual se refere ao valor social que um indivíduo clama para si a partir da avaliação social da linha de conduta ou do comportamento adotado. Assim, face abarca a imagem social sustentada pelos julgamentos e evidências conhecidos pelos outros participantes da interação.

A face de um indivíduo faz parte de um construto socialmente estabelecido a partir da expressão social de seu "eu" individual. Os indivíduos que participam de uma interação percebem que estão ligados em situação de engajamento e, por isso, o contato pessoal direto constitui-se numa situação única para a passagem de informação. Destarte, torna-se importante considerar que alguns fatores podem mudar as regras que regem a expressão da imagem social como, por exemplo, tópico discursivo envolvido (genérico ou pessoal), partida e chegada de um interlocutor, alterações no contexto situacional, as ações linguísticas dos indivíduos etc.

A noção de face permeia todo o processo de interação e seus participantes encontram-se entre dois eixos: a preservação de sua própria face e o respeito pela face do outro.

Brown e Levinson (1987) destacam que a Teoria da Polidez postula que todo indivíduo é movido pelo desejo de preservar seu território corporal, material, espacial, temporal, mental e a sua face, uma vez que intenta causar boa impressão durante a interação e ter a sua face preservada.



Conforme argumenta Koch (1997, p. 141):

A estratégia de preservação das faces manifesta-se linguisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópico e dos marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

Brown e Levinson (1987), influenciados pela noção de face desenvolvida por Erving Goffman, distinguem dois aspectos complementares da autoimagem construída socialmente: a face positiva e a face negativa. A face positiva reflete o desejo do indivíduo em ser estimado, aprovado, admirado e aceito. A face negativa refere-se ao desejo de autopreservação, de não sofrer imposição, de preservação do território pessoal.

As diversas interações entre os indivíduos podem gerar conflitos e o papel desempenhado pela polidez é extremamente importante, pois ela é concebida por meio da necessidade humana de manter o equilíbrio nas relações interpessoais. A polidez inclui estratégias linguísticas que podem ser utilizadas pelos indivíduos para evitar e amenizar conflitos com os seus interlocutores (Brown e Levinson, 1987).

Dentre as várias estratégias de polidez definidas pelos autores, destacamos a polidez positiva e a polidez negativa. A polidez positiva envolve a amenização da ameaça à face positiva do ouvinte e está relacionada a algumas estratégias como, por exemplo, alegar aspectos em comum; deixar transparecer que falante e ouvinte são cooperadores; realizar o desejo do ouvinte.

Segundo Ferreira (2015, p. 38), “(...) estratégias de polidez positiva são baseadas na aproximação, indicando que ambas as partes querem em parte a mesma coisa e que, de certa forma, compartilham os mesmos interesses”.

A polidez negativa está voltada para a face negativa do ouvinte e implica algumas estratégias como: (não) seja direto; não presuma; não pressione o ouvinte; comunique o



desejo do falante de não impingir nada ao ouvinte; atenda a outros anseios do ouvinte que derivem de sua face negativa.

De acordo com Barrere (2017, p. 391):

As estratégias de polidez negativa, por sua vez, são usadas com o objetivo de estabelecer um tratamento mais distanciado, evitando, assim, as imposições e invasões às faces dos participantes envolvidos na interação.

Essa categoria de polidez é típica de contextos em que a distância social e as diferenças hierárquicas são respeitadas e sinalizadas por meios linguísticos.

Na seção a seguir são apresentados a metodologia de pesquisa, o perfil das informantes e as análises linguístico-discursivas das estratégias de polidez negativa.

3. Metodologia de pesquisa e perfil das informantes

A coleta de dados foi realizada por meio de uma pesquisa etnográfica, nos moldes de um estudo de caso. Essa metodologia de pesquisa permite analisar comportamentos, seus significados inerentes à interação social e os diversos contextos em que o indivíduo está inserido. A análise da interação face a face é um dos procedimentos que utilizamos para compreensão desses aspectos.

Segundo Paiva (2019, p. 65), o estudo de caso é um tipo de pesquisa que investiga um caso particular constituído seja por um indivíduo e/ou por um grupo em contextos específicos, sendo um acontecimento em um ambiente natural e não criado exclusivamente para determinada pesquisa.

Essa metodologia atende aos objetivos de nossa pesquisa, uma vez que permite a investigação pormenorizada da diversidade linguístico-discursiva, considerando-se



também o contexto social em que as profissionais do sexo estão inseridas e os aspectos que norteiam suas interações verbais.

As exigências formais e éticas inerentes à realização da pesquisa foram cumpridas, a saber: aprovação por Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais⁴, uso de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, participação voluntária e sigilosa de informantes. Os dados que compõem o *corpus* foram coletados no período de 22 às 04 horas, por meio de entrevistas com 10 profissionais do sexo. Neste artigo, utilizamos as letras E, para se referir a entrevistador, e, M, associada a algarismos arábicos, para identificação das profissionais do sexo nos excertos analisados. As produções orais das profissionais do sexo foram registradas em um gravador digital de voz e depois transcritas, seguindo-se normas adaptadas para os propósitos da pesquisa.

A partir da análise dos dados coletados delineamos algumas características das nossas informantes. Todas adotam um nome de batalha (pseudônimos durante o exercício da prostituição); possuem faixa etária entre 24 a 36 anos; possuem escolaridade de segundo grau completo, sendo que duas são estudantes universitárias; 07 são solteiras, 01 casada e 02 divorciadas; são profissionais do sexo em média há 3,3 anos.

Essas informações são importantes para que possamos compreender os contextos em que as nossas informantes estão inseridas e como o *modus vivendi* influencia a suas interações verbais.

A seguir, descrevemos as estratégias de polidez negativa presentes nas falas de nossas informantes.

⁴ Número de registro CAAE-0118.0.203.000-09.



4. Análise de dados

Para a análise dos dados, buscamos compreender como os marcadores conversacionais estabelecem vínculos linguístico-discursivos que promovem a polidez negativa e como estes abarcam a multiplicidade de processos sociais de significação.

No excerto 1, ao ser questionada sobre as vestimentas que utiliza para trabalhar, a informante faz uso dos vocábulos *povo* e *todo mundo*, os quais funcionam como estratégias de efeito de indeterminação do sujeito. Assim, são possíveis inferências de que o falante se exclui de um grupo específico (o povo falava = eles falavam) e se inclui em um grupo geral. Podemos observar a referida estratégia, por meio de interpretação semântico-discursiva do uso da 1ª pessoa do plural (todo mundo veste = nós vestimos) e, não somente, por meio da referenciação formal à 3ª pessoa do plural (todo mundo veste roupa igual = eles vestem). O MC *mas* funciona como prefaciador de novo tópico, sendo responsável pela estruturação e coesão das unidades que compõem o texto conversacional e pela progressão temática da interação.

(1)

E: em relação à roupa, cê tem que vestir diferente pra trabalhar aqui?

M2: não! se fosse na boate a gente pode ficar até pelada, mas na rua a gente num pode ficar (++) hoje em dia a gente veste a mesma roupa que uma mulher normal veste, num tem diferença não (+) antigamente a gente usava roupa curta e o **povo** falava “aquela ali é garota de programa” **mas** hoje num tem nada disso não, hoje **todo mundo** veste roupa igual, eu visto a roupa que eu me sinto bem



No excerto 2, o vocábulo *povo* também foi utilizado para criação de efeito de não pertencimento do falante a um grupo de pessoas que condenam a prostituição. Podemos notar a indeterminação por meio da relação *povo* = *eles*.

(2)

E: como as prostitutas são vistas?

M10: isso aí é complicado demais né cara (+++) o **povo** sempre acha que a gente num vale nada, que tá eh (+) aqui na sem vergonhice (++) acha que é fácil essa vida aqui, num pensa no sofrimento também não eh a gente passa frio (+) tem que ficar na rua (++) eh a noite toda de domingo a domingo e encarar cada homem estranho

O marcador conversacional *pra mim* foi utilizado pelas mulheres para sinalizar a expressão do viés pessoal acerca de determinado enunciado e a função de atenuação. Assim, almeja-se a exclusão antecipada de determinadas objeções do interlocutor ao tópico discursivo abordado.

No excerto abaixo, o falante, ao expressar sua opinião acerca da prostituição, faz uso do marcador *pra mim*, sinalizando de forma subjetiva, a introdução do tópico discursivo *não é venda do corpo*.

(3)

E: uh pra você o que qui é prostituição?

M2: olha prostituição em si (+) **pra mim** não é a venda do corpo tá? não é! é prestação de serviço de sexo e fantasia erótica

No exemplo 4, o uso do marcador *bom* permite ao falante ganhar tempo para formular seu enunciado, uma vez que sinaliza atividade de planejamento verbal e também de sustentação de turno conversacional. O marcador *pra mim* evidencia uma avaliação subjetiva do tópico discursivo, enquanto que o marcador *no meu caso*, apesar de sinalizar



este viés pessoal, também desvela o alto grau de adesão para com o conteúdo proposicional *sair da prostituição*.

(4)

E: o que é ser prostituta?

M3: bom, **pra mim**, é uma pessoa normal que eh::: que tá com pouca oportunidade de vencer na vida e eh (+) encontrou uma forma bem mais rápida de ganhar dinheiro, mas com vontade eh correndo atrás pra sair

E: então você acha que tem que sair?

M3: eh **no meu caso** eu to lutando pra sair

E: eh como você vê a prostituição?

M3: **pra mim** é normal, cada um faz da sua vida o que bem entender, ninguém tem nada a ver com isso, então **pra mim** é normal

No trecho abaixo, os marcadores *na minha opinião* e *pra mim* expressam de forma subjetiva a opinião da mulher acerca do tópico em discussão (o que é prostituição) e, também, funcionam como estratégia linguístico-discursiva para se evitar ou até mesmo amenizar reações desfavoráveis ao seu ponto de vista.

(5)

E: o que é prostituição pra você?

M6: **na minha opinião** é vender sexo

E: como assim?

M6: eu sou diferente de dia e de noite, ninguém nem imagina que eu trabalho aqui na rua à noite (++) a prostituição **pra mim** é realizar fantasias sexuais dos clientes



No exemplo 6, as sentenças *prostituição?* e *não sei o que você está dizendo* foram direcionadas ao interlocutor como meio de solicitar maior clareza para que o falante possa ser preciso. O marcador *pra mim* demonstra que o tópico e a contextualização serão introduzidos por um viés marcadamente pessoal.

(6)

E: como você vê a prostituição?

M7: prostituição? não sei o que você está dizendo, isso **pra mim** é trabalho, e trabalho que exige da pessoa muito amor próprio, porque senão ela dança rapidinho (++) já vi meninas, aqui nessa avenida (+) trabalhar para comprar droga, tinha umas que só fazia em troca de pó, ai não dá, essas rodam fácil

No trecho a seguir, o uso do marcador *pra mim* foi utilizado na abertura do turno como sinalizador da abordagem pessoal acerca do tópico discursivo *ganhar dinheiro* e, o marcador *mas* para introdução de explicação, evidenciando a relação entre sexo, dinheiro e prostituição.

(7)

E: o que é ser prostituta?

M10: **pra mim** é ganhar dinheiro (+) com essas fantasias eh a gente (+) cobra pra fazer isso, **mas** cê pode olhar que tem muita gente que transa de graça nessa vida, que num é garota de programa ((risos))

Em nosso *corpus*, foram encontrados os marcadores *num sei*, *num sei mesmo*, *sei lá* e *eu nem sei* com a função de permitir que o falante não se veja tão comprometido com os juízos emitidos, pois representam uma antecipação com a finalidade de limitar ou até mesmo neutralizar possíveis reações e interpretações contrárias por parte do interlocutor.



No excerto 8, os marcadores *num sei* e *num sei mesmo* expressam que a profissional do sexo não tem conhecimento acerca dos motivos pelo qual o seu parceiro não está lhe dando a devida atenção. Assim, ao não explicitar argumentos para as proposições *ele tá pisando na bola* e *ele num tá me ligando mais não*, o falante veicula em seu discurso imprecisão e incerteza.

(8)

E: em questão de relacionamento, você tá namorando, tem alguma coisa?

M1: tenho um namorado, só que ele tá pisando na bola, **num sei** o que que tá acontecendo com ele, mas eu gosto dele (++) ele num tá me ligando mais não, **num sei mesmo** o que tá acontecendo

O mesmo efeito de imprecisão e incerteza é veiculado, por meio do marcador *num sei*, nos excertos abaixo, nos quais as profissionais do sexo foram questionadas acerca do perfil do cliente, da decisão de contar ao filho sobre sua ocupação e do porquê de não beijar na boca do cliente, respectivamente.

(9)

E: eh::: seus clientes são jovens ou mais velhos?

M4: varia demais (++) num tem um tipo fixo (+) **num sei** te falar porque cada dia é diferente

(10)

E: seu filho sabe que você é prostituta?

M5: ele tem só 5 anos, num entende dessas coisas e **num sei** se vou contar quando ele entender (+++) é difícil né moço, imagina que choque pra ele saber que a mãe deita com tudo qui é homem por aí (++) **num sei** se vou contar (+) quem sabe até ele crescer eu posso até ter parado, né?



(11)

E: tem alguma coisa que você num faz?

M7: eu num beijo na boca não

E: por que?

M7: **num sei** onde ele põe a boca ((risos))

O marcador *sei lá* indica planejamento verbal e, ao mesmo tempo, evidencia a incerteza do falante, diminuindo o comprometimento deste para com o enunciado. Nos exemplos 12 e 13, podemos observar essas características quando as profissionais do sexo relatam algumas de suas práticas sexuais.

(12)

E: e as fantasias? tem alguma que você quer contar?

M2: teve um cliente muito engraçado, ele levou um MONTE DE CORRENTE e um cadeado, eu fiquei com medo, pensei se ele ia querer me matar, me roubar, **sei lá**, fazer maldade comigo (++) mas aí eu perguntei se ele ia me bater porque eu num aceito apanhar mesmo

(13)

E: você tem limites pro programa?

M5: tenho porque penso no meu marido, **sei lá** (++) bunda por exemplo é exclusividade dele, pra cliente não faço de jeito nenhum

No excerto a seguir, o marcador *eu nem sei* assinala a incerteza do falante quanto às práticas sexuais dos clientes, ou seja, se estas são seguras ou não. Destarte, o MC veicula a avaliação epistêmica que o falante faz sobre o que diz, exercendo também a função de atenuador, uma vez que diminui o comprometimento para com o enunciado e dilui a força ilocutória das asserções. Esta relação de comprometimento é evidenciada se



pensarmos que, ao invés de dizer *eu nem sei onde anda o pinto dele*, a profissional do sexo poderia dizer *ele tem doenças sexualmente transmissíveis*.

(14)

E: tem cliente que não quer usar?

M6: tem uns mesmo, que acha que a gente vai cair de boca no pau deles e pronto ((risos)) mas eu num faço mesmo, a gente conversa e aí resolve o problema (++) **eu nem sei** onde anda o pinto dele, num dá pra fazer sem camisinha não, é um risco muito grande (+) tem que ter muita coragem pra correr risco de pegar um monte de doença

Em se tratando de promover o efeito de imprecisão acerca da proposição, podemos destacar o uso dos marcadores *mais ou menos* e *meio*.

No excerto abaixo, em que a prostituta foi questionada acerca do local em que se prostitui, o uso do marcador *mais ou menos* limita o grau de verdade da proposição *é trabalhar na rua*.

(15)

E: você trabalha na Afonso Pena ou em outros lugares?

M6: só aqui na Afonso Pena mesmo

E: é melhor?

M6: **mais ou menos**, aqui a gente num tem que ficar sendo cobrada por ninguém, o dinheiro é todo meu e trabalho a hora que eu quiser

O marcador *meio*, no exemplo 16, expressa a incerteza do falante quanto ao modo e quanto à intensidade do que foi dito, ou seja, acerca dos aspectos de programas com casais.



(16)

E: e você atende mulher?

M2: antigamente num tinha não, hoje tá tendo um monte de casal, tá aumentando muito, mas a maioria é pra eu transar com o marido delas, mas tem que ter cuidado (+) às vezes tem muita mulher que é ciumenta, ela acompanha eh aquela coisa às vezes ela num tá muito preparada eh porque casal é **meio** complicadim

Valério (2003, p. 105) afirma que o falante pode minimizar um elemento da proposição, toda a proposição ou até a si próprio, evitando reações desfavoráveis de seu parceiro na interação. Nessa perspectiva, o falante minimiza o comprometimento com o enunciado e a importância que deve ser atribuída aos conceitos por ele emitidos.

Nos dados coletados para esta pesquisa foram encontrados os marcadores *às vezes, de vez em quando, geralmente, tem hora* expressando função de atenuação, por intermédio da minimização da frequência com a qual a proposição acontece.

No excerto 17, o marcador *às vezes* sinaliza a frequência da verdade da proposição *é obrigada a fazer mais programas*.

(17)

E: qual a diferença de trabalhar na rua, na boate, num hotel?

M5: é tudo ruim, mas na boate é pior (++) na rua a gente tem mais liberdade (+) boate cê fica ali e **às vezes** é obrigada a fazer mais programa que cê quer

A informante, ao relatar as justificativas dadas a seus pais para que não saibam de seu trabalho, faz uso do marcador *de vez em quando* sinalizando a minimização da ocorrência das proposições *fazer trabalho e dormir na casa de uma amiga*.



(18)

E: quantos clientes você tem aqui na rua por dia?

M9: no máximo uns cinco por noite, mesmo porque falo com meus pais que estou fazendo trabalho na casa de uma amiga (++) que vou dormir lá **de vez em quando**

Nesse outro exemplo, o marcador *geralmente* sugere, simultaneamente, imprecisão acerca de quais são as práticas sexuais solicitadas pelos clientes e acerca da frequência destas.

(19)

E: por que os caras procuram você?

M4: uai, pra fazer o que **geralmente** não faz com a esposa ou com a namorada

A seguir, a informante expõe quais são os motivos que a levam a querer abandonar a prostituição e, ao fazer uso dos marcadores *tem hora* e *às vezes*, assinala imprecisão quanto à frequência em que ocorre o que é expresso: *ter vergonha, ficar mal e sofrer agressão verbal por parte da mãe*.

(20)

E: por que?

M1: ah eu tenho vontade de arrumar um emprego, ah::: porque meu irmão, ninguém lá em casa aceita isso não, **tem hora** que fico com vergonha, mas **tem hora** que eu fico mal, mas é ruim ter que ficar ouvindo me chamar de vagabunda, de piranha, **às vezes** minha mãe fica lá em casa falando que sou piranha, que eu sou isso, que sou aquilo, é chato sabe?

Nos excertos a seguir, as profissionais do sexo, ao serem questionadas acerca dos tópicos *o que é ser prostituta, como é realizada a higiene íntima após um programa e como são vistas as prostitutas*, fizeram uso de prefácios para indicarem suas dificuldades



em falar sobre o tópico discursivo abordado. Destarte, o falante cria estratégias linguístico-discursivas que favorecem a minimização da importância que deve ser atribuída às suas proposições, bem como da sua competência para tratar do assunto.

(21)

E: o que é ser prostituta?

M7: **pergunta difícil hein?** ((risos)) eu acho que é ser livre (++) eu me sinto melhor pensando assim

(22)

E: como é qui você faz a sua higiene depois de um programa?

M8: **isso é complicado**, mas quando é no motel eu tomo banho (++) se é no carro, a gente se limpa com esses lenços de papel aí o banho só em casa depois

(23)

E: como as prostitutas são vistas?

M10: **isso aí é complicado demais né cara** (+++) o povo sempre acha que a gente num vale nada, que tá eh (+) aqui na sem vergonhice (++) acha que é fácil essa vida aqui, num pensa no sofrimento também não eh a gente passa frio (+) tem que ficar na rua (++) eh a noite toda de domingo a domingo e encarar cada homem estranho

Na seção seguinte são apresentadas algumas considerações acerca das interações verbais das mulheres pesquisadas, observando-se como as teorias da Análise da Conversação e da Polidez são fundamentais para compreendermos a complexidade dos marcadores conversacionais em níveis textuais e pragmáticos.



Considerações finais

Esta pesquisa demonstrou como algumas estratégias linguístico-discursivas contribuem para a promoção da polidez negativa nas interações verbais de profissionais do sexo e como a fala, o *modus vivendi*, e as visões que possuem acerca de si se relacionam funcionalmente.

Nos excertos analisados, as estratégias de polidez negativa se pautaram em aspectos de distanciamento, imprecisão e minimização dos tópicos discursivos. O distanciamento foi evidenciado por meio de estratégias que buscavam a indeterminação do sujeito como, por exemplo, a recusa de ponto de vista do enunciado e, de maneira semelhante, com o uso de condicionais temporais e marcadores de opinião que expressam cunho emocional.

Ademais, os marcadores conversacionais presentes nas falas das mulheres pesquisadas estão significativamente relacionados a enunciados que, de certo modo, expressam limites simbólicos, tentativas de romper com determinados estigmas que são impostos social, cultural, historicamente às profissionais do sexo.

Ao revisitarmos os dados coletados para a tese de doutorado de Santos (2011), pudemos construir novos apontamentos, análises e considerações que nos permitiram compreender que os marcadores conversacionais utilizados nas interações verbais pelas mulheres pesquisadas são permeados por estratégias que, na maioria das vezes, são utilizadas para se protegerem dos julgamentos de nossa sociedade patriarcal, sexista, misógina, heteroafetiva e intolerante.

Apesar de o nosso trabalho não ter como objetivo analisar os processos de construção de identidades sociais, torna-se fundamental destacarmos que histórica, social



e culturalmente, ser mulher na sociedade brasileira envolve imposições também estatais acerca do exercício de sua afetividade e sexualidade.

Observamos que as mulheres (res)significam por meio de suas interações verbais as relações que estabelecem entre as esferas prostituição e vida privada. Nesse contexto, as interações verbais, os marcadores conversacionais e as estratégias de polidez negativa desvelaram, textual e pragmaticamente, como diferentes realidades, culturas e valores relacionados à sexualidade estão imbricados nos processos de comunicação humana.

Como resultado dessas análises atualizadas, percebemos que o uso de marcadores conversacionais e estratégias de polidez negativa não expressam apenas o distanciamento do falante acerca do enunciado, mas sim um agir interacional em função de estigmas que são social, cultural e historicamente imputados às mulheres profissionais do sexo. Esse agir soa, por vezes, como uma estratégia que ao criar um efeito de ideia incompleta e imprecisa permite-lhes a desconstrução de diversos silenciamentos e, por conseguinte, geram entre-lugares para discutir, dar visibilidade, exteriorizar resistência, empatia e sororidade para consigo e para com o outro.

Não podemos reduzir essas estratégias à intenção tão somente de o falante se esquivar e se proteger dos julgamentos do ouvinte. Essas mulheres profissionais do sexo nos fizeram refletir acerca de como se constituem as novas formas de se dar vozes às mulheres e à diversidade, de possibilitar a visibilidade à heterogeneidade constitutiva e histórica dos diversos modos de resistência, bem como destacar a relevância dos vínculos estabelecidos entre discursos, territórios, identidades e os processos sociais, históricos e culturais que abarcam uma multiplicidade de vozes que dialogam entre si e, por vezes, se afrontam, enfim, vozes que constroem discursos, os quais são decisivos e determinantes para o desenvolvimento de ações individuais e coletivas para superar obstáculos por meio



da cooperação, da ruptura e da resistência e, com efeito, (re)significar as relações que estabelecem com o corpo, com as práticas sexuais, com os relacionamentos afetivos, profissionais e outras profissionais do sexo, com as condições de trabalho e os riscos etc.

Acreditamos que este trabalho contribuiu para que compreendêssemos como as estratégias de polidez linguística são atravessadas por mulheres lutam pelo direito de desejos e escolhas, pelo direito sobre seus corpos, pelo (res)significar as relações humanas tão almeçadas por nós, de respeito, de convivência e de busca pelo (re)conhecimento da pluralidade de existir.

Referências

- BARRERE, L. L. *Face e polidez linguística em reclamações online: uma análise sob o viés pragmático*. *Entrepalavras, Fortaleza*, v. 7, p. 383-405, jan./jun. 2017.
- BRAIT, B. Interação, gênero e estilo. In: Dino Preti (Org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002, p.125-158.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CHARAUDEAU, P., MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DIONÍSIO, A. P. Análise da conversação. In: MUSSALIM, F.& BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- DITTMANN, J. Einleitung: Was ist, zu welchen zwecken und wie treiben wir konversationsanalyse? In: *Arbeiten zur konversationsanalyse*, Tübingen, Max Niemeyer, 1979.p.1-43
- FERREIRA, G. R. *Estratégias de polidez linguística na realização do ato de fala aconselhar: um estudo contrastivo entre falantes nativos e não nativos de inglês*. Dissertação de Mestrado, UFES, 2015.
- FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, p.931-952, 1999.



- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. p.103-127.
- HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In: GUMPERZ & HYMES (Org.). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1972. p. 35-71.
- KOCH, I. G. V. Atividades e estratégias de processamento textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal: EDUFRN, 1997.
- LEITE, M. Q.; NEGREIROS, G. Análise da Conversação no Brasil: rumos e perspectivas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.). *Ciências da linguagem: o fazer científico*. 1. ed. v.1. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 105-135.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- PAIVA, V. L. M. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, May 1974.
- SANTOS, G. B. *O estilo interativo das profissionais do sexo de Belo Horizonte: um estudo sobre as estratégias linguísticas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Orientação: Prof. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes. 2011.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: *Análise de textos orais* [S.l: s.n.], 2010.
- VALÉRIO, K. M. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. Belo Horizonte: UFMG, 2003



Verbal interaction, discourse markers and linguistic politeness

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Gilmar Bueno dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Abstract

This study aims to reveal the interactive style of the prostitutes who works in the streets of a city of Minas Gerais. According to the linguistic strategies, we have intended to analyze which discourse markers contributed for the establishment of negative politeness, and the relation among them in the verbal interactions. In this work was conducted an ethnographic research, guided by a case study because this method allowed us a detailed investigation about some elements, considering the social context where the prostitutes were situated and how some aspects influence interactions. The theoretical basis of Goffman (2011[1967]) were used as main reference for the development of data analysis through this work, considering the studies of Brown and Levinson (1987) on politeness strategies. The results show that the interactive style of these prostitutes was significantly based on adding elements that they consider positive for prostitution and to get rid of the stigmas.

Keywords: Conversational Analysis. Politeness. Interacion. Discourse Markers. Prostitutes.



Interacción verbal, marcadores conversacionales y cortesía lingüística

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA

Gilmar Bueno dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Resumen

Este estudio tiene como objetivo revelar el estilo interactivo de las trabajadoras sexuales que trabajan en las calles de una ciudad de Minas Gerais. En relación a las estrategias lingüísticas, buscamos analizar qué marcadores conversacionales contribuyeron a la promoción de la cortesía lingüística negativa y la relación que se establece entre ellos hacia las interacciones verbales. Realizamos una investigación etnográfica, en la línea de un estudio de caso, ya que esta metodología permitió una investigación detallada considerando el contexto social en el que se insertaron los informantes, así como los diversos elementos que influyen en sus interacciones. Los supuestos teóricos de Goffman (2011 [1967]) sirvieron como principal referente para el desarrollo de los análisis expuestos a lo largo de este trabajo, destacando también los estudios de Brown y Levinson (1987) para el tratamiento de las estrategias de cortesía. A partir de los análisis desarrollados, observamos que el estilo interactivo de las trabajadoras sexuales se basó en ciertas estrategias lingüísticas que buscan agregar elementos que consideran positivos para el ejercicio de la prostitución y que también sirven para deshacerse de los estigmas.

Palavras clave: Análisis de conversación. Cortesía. Interacción. Marcadores conversacionales. Trabajadoras sexuales.